



Universidade da Amazônia

As Asas de um Anjo (Peça)

de José de Alencar



NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

www.nead.unama.br

E-mail: uvb@unama.br

As Asas de um Anjo

de José de Alencar

PREFÁCIO DA PEÇA

(advertência e prólogo da primeira edição – 1859)

A boa vontade dos editores, que o ano passado deram à estampa *O Demônio Familiar*, traz agora à luz da imprensa *As Asas de um Anjo*, no momento em que tudo me afasta das lidas literárias.

O muito que tinha a dizer e criticar sobre a minha obra e as censuras de que fui alvo, deixo-o pois à reflexão dos homens esclarecidos; bem como deixo aos metodistas da literatura e da arte a sua classificação de *escola realista*.

A realidade, ou melhor, a naturalidade, a reprodução da natureza e da vida social no romance e na comédia, não a considero uma escola ou um sistema; mas o único elemento da literatura: a sua alma. O servilismo do espírito eivado pela imitação clássica ou estrangeira, e os delírios da imaginação tomada do louco desejo de inovar são aberrações passageiras; desvairada um momento, a literatura volta, trazida pela força irresistível, ao belo, que é a verdade. Se disseram que alguma vez copiam-se da natureza e da vida cenas repulsivas, que a decência, o gosto e a delicadeza não toleram, concordo. Mas aí o defeito não está na literatura, e sim no literato; não é a arte que renega do belo; é o artista, que não soube dar ao quadro esses toques divinos que doiram as trevas mais espessas da corrupção e da miséria.

Nas convulsões da matéria humana, no tripúdio dos vícios, na fase a mais torpe da existência social, há sempre no fundo do vaso uma inteligência e um coração; é a razão e o sentimento em tortura; é a luz e o perfume a apagar-se; são as cores da palheta. Se com elas o pincel não desenha sobre o fundo negro um quadro harmonioso, os olhos não sabem ver, ou a mão não sabe reproduzir.

Censurem pois *As Asas de Um Anjo* porque lhe falte uma ou outra dessas condições; porque ou os reflexos ou as refrações das cenas sejam imperfeitas. Mas não censurem nela a tendência da literatura moderna – apelidando-a de *realismo*.

Sobre a acusação de imoralidade que lançaram à comédia, e que afinal traduziu-se em uma proibição policial, escuso defender-me depois do artigo que publiquei no *Diário do Rio de Janeiro*, e que servirá de prólogo ao livro impresso, como serviu de protesto ao drama retirado da cena.

A crítica sensata e judiciosa, já expressa no jornalismo pelo Sr. Dr. F. Otaviano, já discutida em conversa por companheiros de letras, pronunciou-se contra o epílogo. Um pensa que terminada a ação naturalmente no 4o. ato, tudo quanto siga é estranho ao drama. Outros entendem que a regeneração surge imprevista, e consuma-se rápida, deixando por isso de calar no espírito do espectador, fortemente impressionado pelas cenas anteriores.

Não contestarei essa opinião, a que aliás o público por algum daqueles motivos, parece ter dado razão. Direi somente que sem o epílogo o pensamento da minha comédia ficaria incompleto; ela seria apenas uma nova encarnação do velho tipo de Manon Lescaut; encarnação brasileira, é verdade; mas por isso mesmo desbotada e macilenta, porque a vida exterior da nossa corte não podia emprestar-lhe as cores e o brilho das grandes cidades européias.

O livro nasce do espírito, como a planta brota da terra; simples, borbulha a princípio, pulula, germina, abrolha as folhas, esgalha, copa-se e floresce por fim. Se o cultor da planta vai-lhe moldando os ramos enfezados, esladroando-lhe os renovos que podem minguar o tronco, a seiva criadora substitui quanto a mão do homem corrige; mas se descuidado deixa que a planta cresça com os seus defeitos, pode cortar-lhe o galho rasteiro, forçar-lhe a haste arqueada; a árvore ficará mutilada, porém sempre mal parecida.

Assim é o livro; assim foi com *As Asas de um Anjo*.

Depois de concluída a comédia e representada; depois de partido esse fio que prende a obra ainda inédita ao espírito que a criou, era impossível matar o livro; mas torcer-lhe o molde, dar-lhe outra configuração, excedia à vontade e às forças do autor. Creio mesmo que tudo quanto saísse dessa superfetação literária seria monstruoso e disforme.

Prefiro pois – embora reconheça até certo ponto a justeza da crítica – deixar a comédia com os seus defeitos, mas com a espontaneidade de sua invenção. As criações da imaginação também têm a sua virgindade; e muitas vezes a razão não se anima a corrigi-las, com receio de murchar-lhes a flor.

As alterações que fiz no original, levado à cena, e aprovado pelo Conservatório, são unicamente de estilo; castiguei a frase quando não me pareceu natural; dei em alguns pontos melhor torneio ao diálogo; mas na ação dramática, e no pensamento que ela exprime, nem de leve toquei.

Entretanto se algum dia, o que não espero, cessar o interdito policial, e entenderem que o epílogo pode prejudicar o efeito cênico, não me oporei a semelhante supressão; antes estimarei que ela se faça, porque será a solução prática da questão de arte que aventou o desenlace da tragédia.

Fim